



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

DANIELA MILENA CECCON

**AGRICULTURA EM PANDEMIA**  
Abalos e mudanças no setor que alimenta

Florianópolis  
2021

DANIELA MILENA CECCON

**AGRICULTURA EM PANDEMIA**  
abalos e mudanças no setor que alimenta

Relatório técnico do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli

Florianópolis  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ceccon, Daniela Milena

Agricultura em pandemia : abalos e mudanças no setor que  
alimenta / Daniela Milena Ceccon ; orientador, Carlos  
Augusto Locatello, 2021.

48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Agricultura familiar. 3. pandemia. 4.  
estiagem. 5. coronavirus. I. Locatello, Carlos Augusto. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Jornalismo. III. Título.

DANIELA MILENA CECCON

**AGRICULTURA EM PANDEMIA**  
abalos e mudanças no setor que alimenta

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 14 de maio de 2021

Prof.<sup>a</sup> Daisi Irmgard Vogel, Dr.  
Coordenadora do Curso de Jornalismo

**Banca Examinadora:**

Prof. Carlos Augusto Locatelli, Dr.  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Áureo Mafra de Moraes, Me.  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

Andreza Caroline de Oliveira  
Avaliadora  
Gerente de Jornalismo do Grupo ND

## **AGRADECIMENTOS**

Quem me conhece sabe que não sou aquela que se prioriza. Mas dessa vez me permito. Preciso agradecer primeiramente a mim mesma, à pessoa que venho me tornando, e à essa futura jornalista que, aos trancos e barrancos, segurou a barra. E que sai dessa jornada mais orgulhosa e confiante do que quando entrou. E um pouco mais maluca, é claro.

Além disso, não poderia deixar de dizer um muito obrigada do tamanho do Rio Grande à minha família, que tanto me apoiou, e que me deu forças pra voar - sem medo. Principalmente a você, minha mãe. Essa conquista também é sua.

Falando em família, aqui vai um parágrafo especial a alguém que é tanto, mas tanto, que eu não consigo encontrar palavras pra definir. És minha base aqui, e sem você, eu nunca teria conseguido. Obrigada, Gi.

Deixo aos professores do curso, principalmente o Locatelli, meu orientador, um enorme agradecimento também. E falando em mestres, queria que você estivesse vendo minha trajetória aqui da terra, Márcia. Além da minha professora preferida da vida desde sempre, fostes a primeira que despertou dentro de mim a paixão pelo ser jornalista. E por isso, eu sou eternamente grata.

Por fim, agradeço a todos que acreditaram e acreditam no meu trabalho e na minha carreira de alguma forma, e que me dão forças pra continuar.

*A gente colhe o que a gente planta.*

*Sonhar também é agricultura.*

## RESUMO

2020 foi um ano de mudanças. A pandemia do novo coronavírus, protagonista da virada de década, alterou não só as relações interpessoais. Transformações foram sentidas em todas as faces e campos da sociedade. Com uma crise econômica, sanitária e política em curso, alguns setores de produção tiveram que lidar ainda com uma estiagem, que em Santa Catarina foi a pior dos últimos anos. Neste contexto, como emerge uma agricultura tão característica como a do extremo oeste catarinense? O presente trabalho busca entender justamente estas adaptações de uma economia essencial para o estado, partindo de uma visão histórica e de perspectivas estatísticas, mas também humanas do meio. Em uma série de três reportagens audiovisuais, “Agricultura em Pandemia” é um trabalho sobre abalos e mudanças em um setor que aliviou os efeitos da crise, amargou a vulnerabilidade ao clima, e ainda assim, projeta saldos positivos em uma simbiose com o novo normal.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar; Extremo oeste; Santa Catarina; Pandemia; Coronavírus; Estiagem.

## **ABSTRACT**

2020 was a year of changes. The coronavirus pandemic, protagonist of the turn of the decade, has changed not only interpersonal relationships. Transformations were experienced in every aspects and fields of society. With an ongoing economic, health and political crisis, some production sectors still had to deal with a drought, which in Santa Catarina was the worst in the past few years. To this end, how does such a characteristic agriculture emerges? The present work seeks to understand precisely these adaptations of an economy essential for the state, starting from a historical and statistical perspective, but also human. In a documentary series of three episodes, "Pandemic Agriculture" is a work about changes in a sector that eased the effects of the crisis, soured some vulnerability to climate, and yet projects positive balances in a symbiosis with the new normal.

**Keywords:** Family agriculture; The Far East; Santa Catarina; Pandemic; Coronavirus; Drought.



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO DO TEMA</b>	<b>10</b>
1.1 AGRICULTURA EM PANDEMIA	11
1.2 ENTENDENDO O CENÁRIO	14
<b>2. JUSTIFICATIVA DO TEMA E FORMATO</b>	<b>16</b>
<b>3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO</b>	<b>20</b>
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO	20
3.2 FONTES	21
3.3 ROTEIRIZAÇÃO E GRAVAÇÃO	22
3.4 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO	23
<b>4. RECURSOS E EQUIPAMENTOS</b>	<b>24</b>
<b>5. VEICULAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO</b>	<b>25</b>
<b>6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>28</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro episódio 01</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE B - Roteiro episódio 02</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE C - Roteiro episódio 03</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO A - Ficha do TCC</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO B - Declaração de autoria e originalidade</b>	<b>48</b>

## 1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

Acontecimentos pautam o mundo. Grandes, pequenos, nacionais, que extrapolam fronteiras. É assim desde que a vida é vida, e será assim por muitos milênios ainda por vir. Uma era do gelo altera o cenário; grandes civilizações em batalha determinam novas faces da sociedade; uma guerra mundial reformula a engrenagem de relações internacionais, e uma pandemia muda conceitos até então, imutáveis. É disso que o jornalismo se alimenta, mas é também disso que a vida precisa como combustível para mudar. Evoluir. Se adaptar.

Na biologia, a palavra “simbiose”, do grego *sýn* (juntamente) e *bíosis* (modo de vida), significa uma relação mútua entre dois indivíduos de espécies diferentes, com benefício também mútuo. Já no sentido figurado, pode representar a relação de cooperação que beneficia dois envolvidos, ou mesmo uma associação íntima, uma vida em conjunto, uma adaptação necessária.

A afirmativa de que “o mundo mudou” já está a ponto de virar clichê. Constantemente, a ideia de que uma pandemia nunca antes vista transformou o até então “normal”, vem ganhando força. Neste sentido, a simbiose entre seguir ou sucumbir aos novos caminhos da vida em sociedade, tornou-se uma coordenada mundial. Não se vive mais como antes, pessoas não se relacionam mais da mesma forma, e o simples ato de respirar e expirar, tornou-se limitado ao uso de uma máscara.

A pandemia realmente sacudiu o mundo, e tirou muita coisa do lugar: milhares de vidas perdidas, de postos de empregos fechados e setores da economia que nunca mais serão os mesmos. Mas em que níveis estas mudanças podem ser sentidas, e acolhidas, de fato?

Em sua pesquisa atual sobre os impactos da histórica pandemia da Covid-19, o professor e doutor em Geografia Humana Eudes Leopoldo (2020, p. 1) afirma que “a crise sanitária, que é seguida por crises em todas as dimensões da vida e do espaço, significaria o fim do século XX e a emergência efetiva do século XXI”. Ou seja, uma virada de chave, de olhar, de adaptação.

A afirmação vem em um sentido de transformação e ressignificação de valores e modelos de produção e viver, que com a pandemia, tomaram novos caminhos, em uma “emergência de um novo mundo com a manifestação de contradições inéditas”. Para ele,

A consolidação da contemporaneidade como a nova condição humana do século XXI em toda sua profundidade ressignifica o mundo do trabalho, o mundo da produção e o mundo das representações. O trabalho remoto; o controle espacial dos

corpos; os sistemas de distribuição em domicílio; as novas formas de solidariedade orgânica e organizacional; o encontro e a reunião à distância em tempo real; a eclipse do espaço público; a sublimação do espaço privado; o aprofundamento da comunicação e a circulação de produtos do mercado de entretenimento por meio de plataformas virtuais; o sequestro da verdade e as novas indumentárias, costumes, comportamentos e modos de higiene e limpeza são alguns dos processos acirrados que invocam os novos espaços tempos [...] o espaço do século XXI, produto da simultaneidade entre metropolização e financeirização (LEOPOLDO, 2020, p. 1).

Desta forma, a atual situação faz emergir a necessidade de se repensar modos de produção e de organização social, o que traz impactos, até certo ponto, estruturais. Ao focar em níveis econômicos e em relações de trabalho e produção, fica possível vislumbrar uma simbiose ainda maior, com adaptações necessárias e peculiares. Isso sem contar o curto prazo, onde ainda abalados, campos de produção vão, aos poucos, tentando retomar as atividades e sobreviver. Uma destas áreas, bastante afetada, mas que ainda se mantém em pé e projeta uma saída positiva da crise, é a rural, com foco na agricultura familiar.

As mudanças efetivas neste setor não foram tão palpáveis, já que as engrenagens de produção se mantiveram pela designação de atividade essencial e pelo ambiente de trabalho - aberto, na área rural. Mas é inegável que as relações humanas foram afetadas, que o mercado ficou abalado, e que, assim como em todos os campos da vida, a pandemia atingiu sim, nas devidas proporções, a vida dos pequenos produtores e agricultores.

No Brasil, a primeira contaminação pelo coronavírus foi identificada ainda no final de fevereiro. Já a definição da temida transmissão comunitária veio em março, mês que também registrou a primeira morte pela doença. A partir daí, o vírus se espalhou. Extrapolou a fronteira de grandes centros, pegou carona em rodovias e chegou ao interior. Logo, já fazia parte da vida de grandes, médias, pequenas e minúsculas cidades. Cobria o território nacional de ponta a ponta. E desde então, o país viveu momentos de tristeza, medo e amargou, segundo o consórcio de veículos de imprensa, cerca de 194.976 mortes até o dia 31 de dezembro de 2020 - o ano em que tudo mudou.

## 1.1 AGRICULTURA EM PANDEMIA

O agro não para. Vem desta afirmação a capacidade de compreender que o setor, é de fato, essencial, e que suas engrenagens, fazem parte do dia a dia da população. Afinal, todo mundo precisa comer. Mesmo que com abalos, principalmente nas relações interpessoais e na rotina coletiva dos produtores, as relações de trabalho na agricultura obtiveram saldos até positivos no momento da pandemia. Ambientes ao ar livre, poucas pessoas e mais máquinas,

nada paredes ou aglomerações rotineiras (exceto o trabalho em grandes frigoríficos - que já tinham controle de salubridade), fizeram com que o setor pudesse ser considerado atividade essencial e continuasse a produzir.

No Brasil, país reconhecido mundialmente pela exportação de alta qualidade e quantidade, os problemas resultantes desta simbiose obrigatória com a pandemia até apareceram, mas foram abafados pela positividade de uma boa safra, pela valorização do dólar e pelo crescimento da demanda do mercado externo.

Segundo o portal Dinheiro Rural<sup>1</sup>, o agronegócio contribui com quase 25% do PIB brasileiro e mesmo com a pandemia, crescimentos importantes foram registrados. Setores como o da proteína animal, soja e café vêm obtendo bons números no mercado externo graças a um cenário de câmbio favorável. Mas além de uma visão macro, que desponta como uma das alavancas para ajudar o país durante a crise, se faz necessário voltar o olhar também ao micro - literalmente.

A agricultura familiar no Brasil é a principal produtora dos alimentos que vão parar na mesa dos brasileiros e que também são exportados. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), no começo de 2020, a atividade envolvia cerca de 4,4 milhões de famílias no país, e gerava renda para 70% dos brasileiros no campo.

Em Santa Catarina, estado foco desta pesquisa, 78% das propriedades rurais são propriedades de agricultura familiar, ocupando 364 mil pessoas e 2,45 milhões de hectares de terra. Os dados são do Censo Agro. Além disso, o valor da produção dos pequenos produtores de Santa Catarina é o quinto maior do Brasil, com 10,38 bilhões de reais.

Segundo o Governo do Estado, Santa Catarina coleciona lideranças em produções nacionais, e desponta na qualidade e quantidade do cultivo de suínos, maçã, cebola, pescados, ostras e mexilhões. É também o segundo maior produtor nacional de tabaco, pera, aves, alho e arroz. A maioria das lavouras possui certificações de erradicação de pragas, e quando o assunto é animais, é o único estado do país reconhecido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) como uma área livre da febre aftosa sem vacinação. Além disso, ao lado do Rio Grande do Sul, é uma zona livre de peste suína clássica.

É importante destacar também que, em 2020, o agro foi o responsável por 70% das exportações catarinenses e por cerca de 30% do Produto Interno Bruto (PIB) do estado. Apesar de ter registrado uma queda no valor total de arrecadação com relação a 2019, o resultado é considerado positivo.

---

<sup>1</sup> <https://bit.ly/33pV8ex>

Segundo dados da síntese anual de 2019 do CEPA/EPAGRI, as exportações do agronegócio no estado alcançaram US\$6,114 bilhões, número que caiu em 2020 para US\$ 5,7 bilhões. Mas em uma análise geral, “poderia ser pior”. O setor foi o que menos sofreu com os impactos da crise econômica e da recessão do PIB. Enquanto o estado registrou uma queda de 9,2% nos embarques de exportações gerais, o agro reduziu apenas 6,7% seu faturamento.

Grandes responsáveis por estes números são o gado de leite, o complexo soja, e o protagonismo da suinocultura, que em 2020 embarcou 35% a mais do que no ano anterior, fechando o faturamento em US\$ 1,2 bilhão.

Se torna, desta forma, essencial aqui destacar o papel do Oeste catarinense neste cenário. De acordo com Della Barba e Monteiro (2020, p. 8),

Em Santa Catarina, a região oeste é um exemplo atual e permanente dessa ocorrência. Descrito no portal econômico do Governo do Estado como concentrador de “atividades de produção alimentar”, o aglomerado de municípios no Oeste segue em todos os sentidos a grande lógica mundial de produção conforme a divisão internacional do trabalho. Ou seja, trata-se de uma atividade para a exportação, em favor e sob demanda dos países centrais.

Ferrari (2003), em seu estudo sobre a agricultura familiar nesta região, também aponta que as pequenas propriedades rurais compõem o maior segmento em número de estabelecimentos agrícolas e de pessoas ocupadas. É válido também o destaque da importância econômica deste setor em várias cadeias produtivas, principalmente como a representação do maior polo agroindustrial de aves e suínos do Brasil. Ou seja, o oeste catarinense desponta como uma área de altíssima importância para o crescimento econômico da região Sul, e também do Brasil.

Por fim, é importante delimitar ainda mais a área foco desta pesquisa - que volta o olhar ao pequeno e médio produtor do extremo-oeste catarinense, mais especificamente, no município de Iporã do Oeste, cidade natal da autora, e que tem na agricultura familiar, o foco de sua economia.

Iporã do Oeste situa-se no Extremo Oeste de Santa Catarina, distante 730 km da Capital. O município tem uma área de 202,37 km<sup>2</sup> e população estimada pelo IBGE de 8.714 habitantes. A economia base da cidade é a agricultura, com destaque para o cultivo de milho e fumo. Já a atividade de maior movimento econômico é justamente a suinocultura, produzindo 1.715.145 cabeças por ano. A cidade faz parte da quarta microrregião que mais contribui com a produção de suínos no estado - a regional de São Miguel do Oeste, com

9,64% da produção estadual. Em seguida, vem a produção avícola com 19.840.033 aves por ano, e a leiteira, com 25.259.240 litros de leite por ano. Todos os dados são do Governo do Estado.

## 1.2 ENTENDENDO O CENÁRIO

É importante destacar, antes de mais nada, que apesar da contextualização anterior, este trabalho busca um olhar presente e de projeções futuras. O histórico de formação, consolidação e mudanças na produção da agricultura familiar no oeste de Santa Catarina é vasto, interessante e permeado de influências culturais e ambientais. Mas não é exatamente o foco da presente pauta.

Mesmo assim, é importante e essencial dizer que a caracterização do setor se configura em várias potencialidades. Inclusive é na diversificação do trabalho, mas também no acesso das famílias aos meios de produção e gerenciamento das terras, que o setor encontra seu ponto de equilíbrio e reage bem às simbioses impostas.

Embora as unidades produtivas tenham sofrido grandes transformações ao longo do tempo, de modo geral, a resposta às crises e desafios para a continuidade da agricultura familiar vem sendo manifesta numa grande capacidade de adaptar-se às formas de parceria e contrato com a agroindústria e, também, de assimilar os ajustes técnicos necessários ao cenário corrente de integração (DA SILVA E KONRAD, 2012, p 15).

De certa forma, impressiona a capacidade que o setor teve de, historicamente, se adaptar e se reafirmar como polo agroindustrial, trazendo um crescimento importante e bastante demarcado da região. E é justamente esta adaptabilidade e proximidade com a emersão de novos modelos e fluxos de produção, que leva a discussão para o período atual, em uma sociedade transformada por uma crise política, econômica, e principalmente, sanitária.

Segundo a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), em reportagem da revista digital Dom Total<sup>2</sup>, como resultado de uma demanda crescente, as exportações de soja e derivados registraram níveis históricos, com um aumento de cerca de 25,8% em relação ao período janeiro/maio de 2019. Além disso, as exportações de carne também aumentaram, cerca de 13%, por conta do surgimento de novos mercados.

---

<sup>2</sup> <https://bit.ly/2QNNUP7>

E é neste cenário que mudanças de direção e de posicionamento de mercado podem ser inferidas na região Oeste. Perguntas sobre como está a produção da agricultura familiar de pequenas propriedades em tempos de pandemia, como está a comercialização de seus produtos e quais as simbioses resultantes deste cenário, fortemente também afetado por uma estiagem histórica, se fazem necessárias para a compreensão de novas realidades e futuras configurações socioeconômicas da região.

Para obter estas respostas, portanto, é indispensável a adoção de um olhar crítico e, além de quantitativo, também qualitativo, identificando como as estruturas aqui descritas se comportam, se modificam e convergem na atualidade, e para onde caminha o setor.

## 2. JUSTIFICATIVA DO TEMA E FORMATO

A autora do presente trabalho tem sua história de vida e o tema bastante entrelaçados. Além de ter nascido na cidade foco desta pesquisa, Iporã do Oeste, Daniela também é filha de um casal que viveu boa parte da sua vida em propriedades rurais no interior do município, e trabalham até hoje em áreas correlatas. Logo, mesmo crescendo na zona urbana, sua infância foi cercada pelo rural, e bastante marcada por histórias e experiências vividas pela sua família.

Assim que decidiu cursar Jornalismo e abrir novos horizontes, se mudando para a capital Florianópolis, a autora sabia que não poderia deixar para trás o lugar de onde veio. Onde nasceu, cresceu e pode aprender muito sobre a vida simples, mas dura, do campo. Justamente por isso, decidiu, já no primeiro ano de faculdade, que como seu trabalho de conclusão de curso iria mostrar ao estado, a potência e as particularidades daquela região.

E de fato, o extremo oeste de Santa Catarina é um cenário a ser explorado. Pouco visada pela mídia catarinense, que tem seus grandes conglomerados fixos em cidades litorâneas ou de maior concentração populacional, a região ainda sofre com índices de acesso à internet abaixo do ideal, e pouca visibilidade, até mesmo, por parte de entidades governamentais. Prova disso é a longa espera pela recuperação de vias importantes e que escoam boa parte da produção, mas que estão em péssimas condições de tráfego, como a BR-282 e a BR-163 - que inclusive corta o município de Iporã do Oeste.

A baixa visibilidade da região é uma contraversão na visão da autora. Isso porque, ao mesmo tempo que, aparentemente, recebe pouca atenção e espaço nos noticiários e nas pautas do governo, a força da agricultura e do agronegócio no extremo oeste e no oeste do estado, é indiscutível. Dados aqui já apresentados comprovam o quanto a economia de Santa Catarina é impactada positivamente por estes setores, e quantas famílias dependem de boas condições de trabalho, de transporte e de produção, para sobreviverem e colocar comida na mesa de muita gente. Logo, para a autora, torna-se uma questão de orgulho e de espírito ético e jornalista, mostrar em seu trabalho as facetas e as potencialidades da agricultura daquela região, tão quanto seu poder de superação e estabilidade ao passar por esta e outras crises, da forma mais positiva possível.

É justamente neste sentido que se justifica a presente pesquisa. Mesmo com a pandemia em curso, o setor no estado vem reagindo, principalmente com a ajuda de recordes na exportação da soja e da carne suína, com os maiores valores já registrados em um único



mês desde o início da série histórica em 1997. O que só demonstra ainda mais a força desta área, tão pouco visada e valorizada.

Inclusive, a falta de dados que expressem os mecanismos da região oeste, principalmente do extremo oeste, recorte foco neste momento, se torna mais uma motivação para a realização deste trabalho. Há uma necessidade latente de explorar esta área, de trabalhar estas realidades de uma forma mais humana e que traga reflexos da realidade por estes produtores vivida, principalmente em um estado com características agrícolas tão fortes em seu passado, presente e futuro.

Desta forma, a intenção deste trabalho de conclusão de curso é entender, conceituar e refletir a realidade do setor em um ano de pandemia, de crise econômica e também de uma estiagem histórica. A ideia é trazer o foco de uma discussão necessária e nacional, para as pequenas propriedades rurais do estado, em específico as do extremo oeste catarinense.

O projeto editorial, em formato de série documental audiovisual, pretende se debruçar sobre questionamentos e entendimentos de como a pandemia do novo coronavírus alterou as estruturas de trabalho e produção da agricultura familiar de pequenas propriedades nesta região, e reconfigurou a importância e o crescimento deste setor para a economia do estado. Além disso, busca-se traçar um reflexo de como o campo é estruturado, se reorganizou e quais são as projeções para o futuro da área, em um mundo com barreiras sanitárias cada vez mais incisivas, e com realidades cada vez mais transformadas.

Falar de um assunto tão complexo e cheio de características próprias como este, no entanto, demanda certa versatilidade de narrativas, exposições mais amplas de cenários e uma impressão ao interlocutor que permita a visualização de diferentes versões de um fato, mesmo que partindo de um olhar singular (do autor). Por isso, a escolha do formato do conteúdo, seguindo as premissas do audiovisual, e moldando-o em direção a uma série de reportagens em vídeo, fez jus aos objetivos da autora de ampliar essa realidade e trazer sentimento e sentido às histórias contadas.

Além disso, na escolha do formato, a proximidade da autora mais uma vez foi critério decisivo. Desde que entrou no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Daniela teve inúmeras experiências com o campo do audiovisual. Inclusive, trabalhou como repórter na TV UFSC, editora de texto no SCC SBT, e atualmente é editora do jornal televisivo SC no Ar, da NDTV RECORD TV, de Florianópolis. Logo, seu dia a dia perpassa o jornalismo em vídeo e, com perspectivas futuras, vai aos poucos moldando a profissional pela vontade de se tornar repórter e poder realizar um de seus sonhos: contar o mundo, e assim como neste trabalho, contar a realidade de sua região natal.

Mesmo que a ideia fosse realizar a reportagem em uma situação sanitária um pouco mais favorável, assim como no jornalismo diário, as adaptações deram conta de manter a ideia inicial do audiovisual. Logo, mesmo que as apurações presenciais tenham sido proibidas pela Universidade por conta dos protocolos sanitários e pela suspensão das atividades presenciais em decorrência da pandemia, a realização do trabalho tornou-se possível com a ajuda de imagens de arquivo, imagens de produtores enviadas e feitas pelos próprios, entrevistas online via Google Meet e também pela apuração à distância.

Com as questões de deslocamento e apuração resolvidas, de fato, o audiovisual se manteve como formato ideal para o trabalho. Até porque, um dos objetivos era justamente dar nome, cara e vida aos números do setor, e de poder explorar mais a imagem como um atributo aproximador.

Assim, tanto nas narrativas pessoais como nas jornalísticas, o sujeito-autor cria uma situação nova a partir de um fato que já passou. Essa situação nova não é um espelho fiel da realidade, mas sua representação. Dessa forma, mesmo configurando-se como um discurso sobre o real, documentários e reportagens não são reflexos, mas construções da realidade social. Ou seja, no documentário ou na reportagem não estamos diante de uma mera documentação, mas de um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos (MELO, 2002, p. 28).

De fato, o estudo de conceitos e técnicas da produção documental como fator subjetivo e possibilitador de uma visão mais humana da realidade teve de ser ressignificado. Tudo que se aprende durante a faculdade sobre apuração, uso de enquadramentos e “gasto” da sola de sapato na rua, não era mais possível. Autores como Melo (2002) e Wainer (2010), até foram utilizados como base da fundamentação de conceitos estéticos, polifônicos e estruturais de uma narrativa. Mas ficaram mais sujeitos às adaptações do fazer jornalístico em pandemia, que se submeteu a questões como o uso de imagens feitas por terceiros sem orientações, a qualidade instável da internet durante gravações e a impossibilidade da apuração presencial como fator norteador da vivência. Em contrapartida, a decisão se manteve justamente pela busca por novas alternativas e adaptação das técnicas e direções aprendidas durante a faculdade para este novo formato de jornalismo - também em pandemia;

Mesmo com todos estes pontos adversos, o objetivo de mostrar esta realidade foi atingido. Desta forma, o trabalho foi produzido com base na proposta original, que apesar de ser modificada durante o planejamento, foi considerada a ideal para este trabalho.

A reportagem, portanto, se tornou uma série de três episódios, intitulada “Agricultura em Pandemia”. Cada um destes episódios teve entre 8 e 12 minutos de duração cada, e foi

feito em formato de vídeo para divulgação no canal da autora no youtube, no Instagram, pela ferramenta de IGTV, e uma possível veiculação na emissora onde trabalha. Abaixo, uma pequena prévia de cada episódio produzido.

**I.** Episódio 1 - *O agro não para*

Em 365 dias cabe muita coisa - inclusive uma pandemia. Com a explosão de casos do coronavírus, as relações cotidianas, sociais e de trabalho mudaram. A pandemia abriu as portas de nosso verdadeiro lar: passamos mais tempo em casa, mais tempo reclusos entre quatro paredes e mais tempo convivendo em uma mesma bolha. Logo, comemos mais. Parece simples, óbvio. E é. O consumo de alimentos aumentou. Mas, por outro lado, qual passou a ser a realidade de quem produz estes alimentos? Como a carne, o leite, os grãos, as hortaliças, que consumimos, chegam até a nossa mesa? E como vem sendo a vida em pandemia de uma agricultura que não parou?

**II.** Episódio 2 - *Meu senhor é o tempo*

Sem água, não há vida. Nada se planta, nada se colhe, nada se produz. E foi assim, enfrentando uma estiagem histórica, que a agricultura familiar do extremo oeste catarinense precisou vencer mais um desafio em um ano de incertezas. Por mais que pareça impossível, foi a falta de chuva que causou uma verdadeira tragédia nas propriedades. Entre os agricultores, é consenso: até agora, a seca impactou mais suas vidas do que o próprio coronavírus.

**III.** Episódio 3 - *Metamorfoses*

Se é para frente que se olha, para onde está voltado o foco do setor? Avanços tecnológicos, produções concentradas e o rejuvenescimento da população rural impactam diretamente nestas previsões futuras. É importante entender quais os desafios e caminhos a serem seguidos, e qual é o destino a médio e longo prazo, presente no horizonte da agricultura.

### 3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

#### 3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Jornalismo da UFSC é feito, geralmente, em dois semestres. No primeiro momento, há uma orientação prévia, com a criação de um projeto a ser executado. A bibliografia, o problema de pesquisa, formato e também os enquadramentos do produto são definidos. Este processo inclusive auxilia na preparação e execução da pauta final - feita no semestre seguinte, de fato, durante a disciplina de TCC. Portanto, o processo de apuração do presente trabalho começou ainda em 2020.

Durante os meses de outubro a dezembro, a ideia da autora começou a tomar forma. Mas, como aqui já citado, alguns pontos já estavam definidos durante sua trajetória de vida e também dentro do curso de jornalismo, como o formato a ser executado, e o tema a ser abordado. Logo, o processo de estruturação de um projeto foi facilitado pela assertividade naquilo que viria a ser desenvolvido, e que foi a ideia inicial: uma reportagem audiovisual que trouxesse para o centro da discussão a vida nas propriedades de agricultores do extremo oeste catarinense.

Mas é claro que planos mudam, e apesar do tema central ter continuado o mesmo, os enquadramentos foram mudando e sendo adaptados. A pré-apuração começou, como já citado, ainda no final de 2020, quando se acreditava que a realização da reportagem pudesse ser feita de forma presencial, nos moldes mais tradicionais do jornalismo, e em uma melhora no cenário da pandemia no estado e no país. O que, como já se sabe, não aconteceu.

A crise causada pelo coronavírus perdurou, e a ideia de um trabalho mais antropológico, de vivência empírica, teve de ser adiada. Mesmo assim, as leituras feitas no ano passado já permitiram um embasamento teórico, histórico e característico da região. Livros foram consultados, artigos e trabalhos técnicos serviram de referência, e a pré-apuração foi tomando forma.

Com a consolidação de um cenário ainda muito afetado pela pandemia, e que impedia quaisquer apurações presenciais - mesmo que a céu aberto - a autora precisou reformular toda a ideia, aceitar que naquele momento o trabalho ideal não poderia ser realizado, e que o desafio era justamente esse: fazer o possível, do jeito que desse.

Logo, vários enquadramentos começaram a surgir, como uma forma de atualizar a pauta, sem perder sua essência. Foi o contato inicial com as fontes que começou a desenhar a abordagem final, já que a partir da conversa e troca de experiências, mesmo online, a autora

pôde entender melhor do que se tratava o problema. A pandemia tinha afetado sim os produtores, mas era a estiagem que mais os preocupava. Logo, uma nova virada de chave foi necessária.

Em conversas com o orientador e durante leituras, ela decidiu estruturar uma reportagem que, sim, vai trazer para a discussão a vida dos produtores do extremo oeste catarinense, mas sob a ótica de um ano histórico, diferente e instável. Em três episódios, seriam expostas as três ondas que foram impostas aos agricultores: a pandemia, a estiagem e as reestruturações.

Para isso, foi preciso apenas um ajuste de olhar: algumas entrevistas foram refeitas e novas bibliografias e leituras adotadas. O formato já estava decidido, não foi um problema, Mas a falta de informações, de certa forma, sim, até porque com a impossibilidade de uma apuração presencial, a pesquisa ficou refém de dados pouco atualizados da região - pouco visada, e também de uma situação que ainda estava acontecendo.

De qualquer forma, a receptividade das fontes foi grande, inclusive as oficiais, e pôde suprir a falta de uma direção técnica e estatística mais direta.

### 3.2 FONTES

Para a realização deste trabalho, principalmente nas condições sanitárias longe do ideal e que levaram à autora a reformular a pauta e o processo de apuração - focou-se em fontes que pudesse dar apanhados mais gerais, que fossem referências no seu segmento e que ao mesmo tempo, pudessem dar um relato fiel do que aconteceu.

As dificuldades realmente se intensificaram neste ponto, já que a ideia inicial era a da vivência, da conversa, diálogo, troca de informações que pudessem ir construindo a narrativa e levando para caminhos muito amplos. Logo, angariar fontes à distância, principalmente de forma online, foi complicado. É necessário frisar aqui que muitos agricultores de pequenas cidades não têm acesso à internet de qualidade nas propriedades; outros tantos, não possuem quaisquer familiaridades, o que restringiu ainda mais o alcance de histórias. As poucas fontes empíricas que aceitaram falar, no entanto, foram extremamente pontuais e assertivas, o que compensou este problema e também a falta do olho no olho, tão importante no jornalismo.

Por isso, é necessário reafirmar que, caso a apuração tivesse sido presencial e *in loco*, as possibilidades quanto à profundidade das narrativas e das histórias contadas, seria maior e mais íntima, ideia inicial da autora.

De qualquer forma, as fontes entrevistadas foram:

- **Maria Ignez Paulilo** – diretora de pesquisa do Núcleo da Agricultura Familiar da Universidade de Santa Catarina. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987) e pós-doutora pela The London School Of Economics And Political Science (1997). Professora titular da UFSC, Maria tem vasta experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Rural, agricultura familiar, gênero, campesinato, feminismo e movimentos sociais rurais.
- **Enori Barbieri** - vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina (FAESC). Médico Veterinário pela UFPR e Produtor Rural. Ex-Secretário de Agricultura e Pesca de SC; Ex-Presidente da CIDASC e vice-prefeito de Xanxerê.
- **Cláudio Post** - presidente da Cooperativa Regional Auriverde. Ex-presidente e atual conselheiro fiscal da Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina (FecoAgro/SC).
- **Alexandre Luis Giehl** - analista de Socioeconomia e Desenvolvimento Rural na EPAGRI. Extensionista Rural pela EPAGRI. Engenheiro agrônomo e Mestre em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- **Milton Melz** - mestre em Administração pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Produtor rural de Suinocultura e Sócio Proprietário da Empresa *Gravitwave*. Professor do Curso de Agronomia e de Medicina Veterinária da UNOESC. Coordenador da Câmara Técnica do Agronegócio do município de Iporã do Oeste.
- **Neide Dalla Possa Schroeder** - produtora rural da área da Suinocultura. Empreendedora.
- **Fernando Favretto** - produtor rural de suínos, gado de leite e grãos. Empreendedor. Técnico em agronegócios e estudante de Processos Gerenciais pela Uceff.
- **Maurício Lorenzet** - produtor rural de grãos.

### 3.3 ROTEIRIZAÇÃO E GRAVAÇÃO

Com o fim da apuração, os desafios começaram de uma outra forma. Antes, era difícil produzir, conversar e acessar fontes e dados. Depois, tornou-se complicado organizar as ideias, definir um rumo e esquelatar o processo. Para isso, as conversas da autora com o orientador, e também com as fontes, além da entrevista, foram fundamentais.

Os caminhos foram se abrindo conforme o projeto andou, e começou a sair do mundo das ideias, para parar no papel, e mais tarde, na prática. A roteirização começou com um enorme e duro trabalho de decupagem, que levou alguns dias, e consistiu em ouvir novamente as entrevistas, seguindo as anotações feitas durante as conversas, e perceber sobre o que e quem eram as histórias.

Em um projeto no Adobe Premiere para cada fonte, a autora foi decupando, encaixando linhas de raciocínio, e dando forma ao esqueleto do primeiro roteiro; depois o segundo, e por fim, o último.

De lá, a graduanda partiu para a escrita, unindo dados de pesquisas científicas, bibliográficas e apuração de fatos, ao que foi decupado das entrevistas e ao que ela aprendeu com o processo. Em documentos do Google Docs, o roteiro tomou forma e foi retocado com a ajuda do orientador e de amigos.

Em seguida, as gravações dos offs começaram. Isso porque, com as determinações de segurança da UFSC, não foi possível a gravação de imagens *in loco*. Logo, para este quesito, a ajuda da emissora em que a autora trabalha, a NDTV RECORD TV, foi fundamental, já que cedeu algumas imagens que serviram como base para a parte visual da matéria. Essa foi uma alternativa encontrada pela graduanda para não precisar reformular toda a sua pauta, no meio da produção, por conta das decisões do departamento de curso, que impediram a realização de quaisquer gravações presenciais com fontes.

Os offs foram gravados em dias separados, e também acabaram sendo regravados em outros momentos, já que foi um ponto de atenção à autora. Já as passagens foram filmadas com a ajuda de um cinegrafista pago, que está presente no convívio de trabalho da aluna. Ambos usaram máscara durante todo o tempo, e não se aproximaram além da distância permitida. Outro fator importante é que as gravações foram feitas em um ambiente ao ar livre, com circulação total de ar, e sem pessoas em volta. Ou seja, todos os protocolos de segurança foram respeitados.

### 3.4 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Esta foi uma das etapas mais interessantes para a autora. Como sempre gostou de editar vídeos no Premiere, e já tinha experiência prévia com isso, decidiu conter gastos e se aventurou na edição de um documentário sozinha. Apesar de muito trabalhoso e demorado, o processo foi de certa forma, divertido, e muito, mas muito engrandecedor. Fazer artes gráficas, transição de imagens, edição de efeitos e afins, tornou-se um diferencial para essa experiência, já que com ela, a autora aprendeu novas formas de produção e pôde dar a sua cara para o trabalho.

A finalização foi mais colaborativa, e contou com a curadoria de colegas de trabalho, amigos e as observações do orientador.

#### **4. RECURSOS E EQUIPAMENTOS**

A influência do online e a necessidade da adaptação da pauta, pesou de forma positiva neste ponto. Com a realização do trabalho, foi possível entender que o jornalismo não se restringe a fronteiras físicas, que a informação existe e pode ser obtida de inúmeras formas, e que esse processo todo não precisa ser perfeito. Nem caro, ou restrito à uma produção em equipe, com fundos e alta qualidade.

Logo, os principais recursos foram humanos. A paciência com a conexão ruim no meio da entrevista; com a melhor fala da fonte, que encaixaria perfeitamente na narrativa, travada pela qualidade baixa do vídeo; com o computador que não seria o ideal para realizar o trabalho da forma que a autora desejava, ou com a situação caótica que continuava a existir lá fora. Este, com certeza, é um aprendizado que vai ficar marcado.

Além disso, os recursos digitais fizeram sim a diferença. Possibilitaram a criação de uma ponte entre fonte e jornalista, e refizeram conceitos tradicionais do que é o jornalismo, e de suas possibilidades. Com o uso de um notebook já seu, uma internet razoável e um fone de ouvido, a autora conseguiu atravessar o estado sem sair de casa, economizando com passagem e ganhando com segurança na saúde, e sem perder a notícia, a informação.

Além dos equipamentos citados, a autora também adquiriu um tripé para as filmagens de apoio, pelo valor de R\$250,00, e investiu na contratação de um cinegrafista que pudesse auxiliar na gravação das passagens, única etapa deste trabalho realizada pessoalmente - em ambiente aberto, de máscara e com o devido distanciamento. O total da gravação ficou em R\$280 (R\$250 do cinegrafista + R\$30 de transporte até o local).

Por fim, a opção de não contratar um designer gráfico ou alguém que ficasse responsável pela identidade visual do material, foi pautada justamente no apreço da autora por aprender a criar, e tirar o máximo de experiências positivas desta produção, praticamente, solo. O resultado final foi de um orçamento na casa dos R\$530.



## 5. VEICULAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

A ideia inicial do produto passou por transformações até aqui. Quando ainda se tinha condições de uma apuração e vivência pessoal, chegou a se pensar em uma veiculação em diferentes plataformas, inclusive o IGTV - opção não descartada. Mas, a princípio, com todas as alterações e desafios da produção, o objetivo é veicular as reportagens em um canal do Youtube. Em um primeiro momento, esse canal será “não listado” e só se tornará público após aprovação da banca.

Para isso, a autora criou um novo email e uma nova conta na plataforma de vídeos, que em 2020, segundo a pesquisa Why Vídeo, realizada de forma remota no Brasil e em outros países pelo próprio Youtube, alcançou o primeiro lugar no ranking das plataformas mais acessadas. Durante a pandemia, segundo a pesquisa, 91% das pessoas aumentaram seu tempo de uso, e outros 54% disseram que pretendem usar ainda mais a plataforma. Os dados foram divulgados pelo portal Meio e Mensagem<sup>3</sup>.

Desta forma, os três episódios serão adicionados individualmente, e disponibilizados, após a aprovação da banca, para amigos, familiares, colegas de trabalho e divulgação em redes sociais. Cada um terá sua própria descrição, conforme no apêndice.

---

<sup>3</sup> <https://bit.ly/3tpzHFb>

## 6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Todo o processo é doloroso. Mas também é prazeroso. Se torna um aprendizado. Este desafio em específico, já tão tradicional de uma graduação, se intensificou ainda mais em momentos de crises em todas as esferas. Não poder colocar o pé na rua, e gastar a sola do sapato, como foi ensinado à aluna durante toda a faculdade - foi apenas um dos obstáculos que reformulou conceitos sobre jornalismo e informação.

Muito já foi falado aqui neste documento sobre os desafios encontrados, as dificuldades superadas e os saldos que ficaram desta experiência. Mas, no fim, tudo valeu a pena - principalmente porque tirou a autora de uma zona de conforto, e a jogou em um mundo novo de um jornalismo mudado, menos próximo e ao mesmo tempo, tão presente. A apuração online, desta forma, se tornou um dos, se não o maior, dos obstáculos. Angariar fontes, conseguir convencê-las de conversar por uma tela de computador e saber ouvi-las e interpretá-las sem o olho no olho, não foi fácil. Mas funcionou. Deu certo.

A falta de imagens foi outro problema a ser contornado: sem poder apurar presencialmente, o olhar da autora com relação ao aspecto visual, infelizmente, não pôde ser o mesmo. Seu jeito de ver a situação, foi subordinado a imagens cedidas ou enviadas. Mas funcionou também. Principalmente, porque traz uma nova visão do construir histórias, em um grande coletivo - coisa que vem se tornando bem normal no mercado de trabalho atual.

Sem um auxílio mais profissional para a formulação da identidade visual e sem uma estética mais sua, foi difícil para a autora também tornar o material mais interessante, sair de um produto quadrado, tradicional e comum. Para isso, pode se dizer que as trilhas sonoras ajudaram, e muito, já que foram escolhidas justamente com o objetivo de tornar mais dinâmico o discurso, e entreter melhor o telespectador.

A produção solo, como aqui já citado, foi também um grande desafio, já que apurar, entrevistar, decupar, escrever, revisar, montar, editar e finalizar um trabalho deste tamanho sozinha, não é algo simples. Mas foi justamente um dos combustíveis para reforçar o compromisso e a dedicação da graduanda em provar, inclusive a ela mesma, que ela é capaz, e está pronta para atuar na área.

De toda forma, a autora poderia, inclusive, citar aqui muitos outros obstáculos: a falta de tempo, de um equipamento avançado e que desse conta de toda a edição sem travar ou falhar, as dificuldades em encontrar dados, a reformulação constante de enquadramentos, e as incertezas quanto ao cenário global. Isso sem contar o psicológico abalado e o estresse pela pressão de um trabalho dessa magnitude. Mas prefere-se encerrar com um saldo positivo, de

aprendizado, e de superação. Afinal, assim como para a agricultura, o ano não foi fácil para ninguém - mas o importante é sobreviver. E aproveitar o crescimento, seja ele qual for.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo-Campinas: Hucitec/Unicamp, 1992. 275 p.

AFP. **Agricultura é o único setor que resiste à crise causada pela pandemia**. 2020.

Disponível em:

<https://domtotal.com/noticia/1453710/2020/06/agricultura-e-o-unico-setor-que-resiste-a-crise-causada-pela-pandemia/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis SC: Lunardelli, 1987. 504p.

CAMPOS, I. **Os colonos do Rio Uruguai: relações entre a pequena produção e agroindústrias no Oeste Catarinense**. (Dissertação) Universidade Federal da Paraíba. 1987. 370p.

CANAL RURAL. **Agronegócio responde por 70% das exportações de Santa Catarina em 2020**. Disponível em:

<https://www.canalrural.com.br/noticias/agronegocio-70-exportacoes-santa-catarina/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CÉ, Jean Augusto. **Análise da diversificação ou especialização produtiva no Oeste de Santa Catarina**. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), Departamento de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019. 55 p.

DELLA BARBA, Eliza Barcelos; MONTEIRO, Luiza de Almeida. **O Movimento das Camponesas**. 2020. 25 f. Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

EPAGRI (Santa Catarina). **EPAGRI/CEPA**. 2003. Disponível em:

<https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Acesso em: 28 set. 2020.

EPAGRI. **Síntese Anual da agricultura de Santa Catarina: 2019 - 2020**. Florianópolis: Gráfica Cs, 2021. 175 p. Disponível em:

[https://docweb.epagri.sc.gov.br/website\\_cepa/publicacoes/Sintese\\_2019\\_20.pdf](https://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Sintese_2019_20.pdf). Acesso em: 16 abr. 2021.

FACHINELLO, A. L.; SANTOS FILHO, J. I. **Agricultura e agroindústria catarinense: panorama, impasses e perspectivas do sistema agropecuário** In: MATTEI, L e LINS, H. N. (Org.). **A Socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**, Chapecó: Argos, 2010, p.159-196.

FERRARI, Dilvan Luiz. **Agricultura familiar, trabalho e desenvolvimento no oeste de Santa Catarina**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente, Unicamp, Campinas, 2003.

FUTEMMA, Célia, et al. **A Pandemia da Covid-19 e os Pequenos Produtores Rurais: Superar ou Sucumbir?** preprint, 17 de julho de 2020. DOI.org (Crossref), doi: 10.1590/SciELOPreprints.967.

Governo do Estado de Santa Catarina. **Santa Catarina alcança o maior valor de produção agropecuária da história.** Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/agricultura-e-pesca/santa-catarina-alcanca-o-maior-valor-de-producao-agropecuaria-da-historia>. Acesso em: 16 abr. 2021.

Governo do Estado de Santa Catarina. **Santa Catarina bate novo recorde com exportações de carne suína em março.** Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/agricultura-e-pesca/santa-catarina-bate-novo-recorde-com-as-exportacoes-de-carne-suina>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Governo do Estado de Santa Catarina. **Governo do Estado investirá R\$ 104,8 milhões no agronegócio catarinense.** Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/agricultura-e-pesca/governo-do-estado-investira-r-104-8-milhoes-no-agronegocio-catarinense>. Acesso em: 16 abr. 2021.

Governo do Estado de Santa Catarina. **Iporã do Oeste.** Disponível em: <https://www.sc.gov.br/conhecasc/municipios-de-sc/ipora-do-oeste>. Acesso em: 20 fev. 2021.

INCRA (org.). **Sistema Nacional de Cadastro Rural: índices básicos de 2013.** Índices básicos de 2013. 2013. Disponível em: [http://www.incra.gov.br/media/docs/indices\\_basicos\\_2013\\_por\\_municipio.pdf](http://www.incra.gov.br/media/docs/indices_basicos_2013_por_municipio.pdf). Acesso em: 24 out. 2020.

JACTO. **Agricultura familiar no Brasil: importância para economia do país.** importância para economia do país. 2019. Disponível em: <https://blog.jacto.com.br/agricultura-familiar-no-brasil/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

KONRAD, Joice; DA SILVA, Clécio, Azevedo. Agricultura familiar no Oeste catarinense: da colônia à integração. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: TERRITÓRIOS EM DISPUTA, 2012, Uberlândia, MG. **Anais...** Uberlândia, MG, 2012

LEOPOLDO, Eudes. O mundo, a Amazônia e a região de fronteira no fio da navalha: o sul e sudeste do Pará em tempos da pandemia do coronavírus. **Espaço e Economia**, [S.L.], v. 1, n. 18, p. 1-9, 21 abr. 2020. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/espacoeconomia.13707>.

MASSON, Stela. **O impacto do coronavírus no agronegócio.** Disponível em: <https://www.dinheirorural.com.br/o-impacto-do-coronavirus-no-agronegocio/>. Acesso em: 28 set. 2020

MAZARO, Gabriel. **Qual a situação da agricultura familiar no Brasil?** 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/agricultura-familiar/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. O documentário como gênero audiovisual. **Comun. Inf.**, Pernambuco, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, dez. 2002.

OXFAM BRASIL. **A importância da agricultura frente a pandemia de coronavírus.** 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/a-importancia-da-agricultura-frente-a-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PONTES, Nádía. **Pandemia sufoca agricultura familiar no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/pandemia-sufoca-agricultura-familiar-no-brasil/a-53639109>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SILVA, Anderson. **Em colapso, Oeste de Santa Catarina tinha sinais de saturação desde o final de 2020.** 2021. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/anderson-silva/em-colapso-oeste-de-santa-catarina-tinha-sinais-de-saturacao-desde-o>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SILVESTRO, Milton Luiz. **As transformações da agricultura familiar e estratégias de reprodução: o caso do Oeste.** (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro/UFRRJ, 1995. 349p.

VEIGA, J. E. **O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica.** São Paulo: Edusp/Hucitec, 1991. 219 p.

WANDERLEY, M. DE N. B. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. **Revista Reforma Agrária**, v. 25, n° 2 e 3, pp. 37-57. Campinas: ABRA, mai/dez. 1995.

WANDERLEY, M. DE N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: **Anais do XX Encontro Anual da Anpocs.** Caxambu, MG: ANPocs, pp. 1-16, 1996.

## APÊNDICE A - Roteiro episódio 01

IMAGEM	OFF
black sem trilha	A série “Agricultura em Pandemia” é uma produção independente, sem fins lucrativos, e faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da autora.  Todos os processos de reportagem e apuração foram realizados de forma online, respeitando as normas de biossegurança da Universidade Federal de Santa Catarina devido à pandemia da Covid-19.  O jornalismo mudou, mas ainda respira.
imagens do campo com trilha	-
OFF	Superar ou sucumbir? Um dilema carregado de significados....
SONORA MAURÍCIO 5”	“Ah, um pouco assustador... o agro não para, né?”
OFF	Se a agricultura é a arte de saber esperar, quanto tempo leva para entender, aceitar, viver uma realidade desconhecida?
INSERT SONORA GOVERNADOR 17 de março de 2020	“Ficam suspensas, a partir de hoje... em regime de quarentena”
imagens com trilha	-
SONORA ENORI 12”	“Eu nunca esqueço.... a gente só volta quando terminar”
VINHETA  em black	AGRICULTURA EM PANDEMIA abalos e mudanças do setor que alimenta  Episódio 01 O agro não para
OFF	Em 365 dias, cabe muita coisa. Inclusive, uma pandemia. E foi assim, com a explosão de casos do coronavírus, que as relações cotidianas, sociais e de trabalho mudaram. Sem avisar, ou pedir licença - a pandemia abriu as portas do nosso verdadeiro lar: passamos mais tempo em casa. Logo, comemos mais.
SONORA MILTON 7”	“a gente tem uma certeza... alimento na mesa, né?!”
OFF	Parece simples, óbvio. E é.

OFF	O consumo de alimentos, assim como a fome, aumentou. Esta nova realidade fez com que os consumidores que mantiveram a renda comprassem mais ou adaptassem sua alimentação.
SONORA ENORI 18”	“porque as pessoas urbanas, a maioria ficou presa em casa... fortemente nos preços de produtos agrícolas pago ao produtor”
OFF	E aí fica a pergunta: qual passou a ser a nova realidade de quem produz estes alimentos em Santa Catarina? Como a carne, o leite, os grãos e as hortaliças que consumimos continuam chegando até a nossa mesa mesmo em tempos de lockdown?
black e transição	E como vem sendo a vida em pandemia de um agro que não parou e, no limite, não pode parar?

PASSAGEM CAM 1	NOS 12 MAIS INESPERADOS MESES QUE ANTECEDERAM A VIRADA DE DÉCADA, MUITA COISA ACONTECEU. 2020 SE TORNOU UM ANO EXTRAORDINÁRIO.  COMEÇAMOS, SIM, COM ESTABILIDADE, EXPECTATIVA. DE REPENTE, NOS VIMOS CERCADOS POR UMA ENXURRADA DE MEDO; UM VÍRUS DESCONHECIDO; UMA PANDEMIA GLOBAL.
PASSAGEM CAM 2	NO CAMPO, A CHUVA NÃO VEIO. UMA AGRICULTURA INTEIRA PEDIA SOCORRO EM MEIO À SECA. NA CIDADE, OS ALIMENTOS FICAVAM MAIS CAROS, E O CONVÍVIO SOCIAL MAIS AMEAÇADO,  TANTAS INCERTEZAS TRANSFORMARAM UM CENÁRIO ANIMADOR, EM UM CAMPO MINADO DE INSEGURANÇA.
PASSAGEM CAM 3	E É AÍ QUE A GENTE ATRAVESSA O ESTADO, DA CAPITAL PARA O INTERIOR, E ENTREGA NOSSOS OLHOS E OUVIDOS A UM SETOR QUE SEGUE RESISTINDO, MAS QUE PEDE AJUDA.
OFF	Que poderia, mas não sucumbiu. E que segurou na mão da economia de Santa Catarina e disse: vem, eu te ajudo. A gente sai dessa juntos. Mas eu não posso e eu não vou parar.
SONORA FERNANDO 20”	"Na verdade a gente não tinha nem muita escolha... não para. ”
OFF	Fernando é produtor rural e mora na linha Pirajú, na cidade de Iporã do Oeste, extremo oeste de Santa



	Catarina, cidade distante quase 700 quilômetros da capital, Florianópolis. A propriedade em Fernando que vive, trabalha e passa a maior parte dos seus dias, é da família, tem cerca de 49 hectares e também é administrada pela mãe.
SONORA FERNANDO 13”	“A gente trabalha com.... consorciar muito uma com a outra, né?”
OFF	Ele é técnico em agronegócios e estudante de Processos Gerenciais. Diz com orgulho que trabalha na terra familiar, e que é uma paixão passada de geração em geração.
SONORA FERNANDO 8”	“A terra aqui na verdade... tá aí tocando”
OFF	A história de Fernando, também é a de Maurício. Com 28 anos, ele segue no campo, na linha Taquara, também em Iporã do Oeste, onde ajuda os pais e tios a plantarem e cultivarem grãos - como soja, milho e trigo. Além das culturas de subsistência: feijão, arroz e mandioca. Tudo no núcleo familiar.
SONORA MAURÍCIO 9”	“só da família... ajuda algum vizinho”
OFF	Na fala de Maurício, é possível notar o estreitamento de laços entre famílias e também vizinhos e amigos. Elo muito ameaçado pela pandemia, mas que sempre foi a base e a força da agricultura familiar.
SONORA MARIA IGNEZ 36”	“a agricultura familiar... tudo isso influi”
<b>arte com todas as cidades</b> Bandeirante, Barra Bonita, Belmonte, Cunha Porã, Descanso, Dionísio Cerqueira, Flor do Sertão, Guaraciaba, Guarujá do Sul, Iporã do Oeste, Iraceminha, Itapiranga, Maravilha, Paraíso, Princesa, Romelândia, Santa Helena, São João do Oeste, São José do Cedro, São Miguel do Oeste e Tunápolis.	Realidade que se repete na maioria das cidades da região do extremo oeste catarinense, que engloba municípios como Dionísio Cerqueira, Itapiranga, Maravilha, São João do Oeste e sua “capital”, São Miguel do Oeste.
OFF	Iporã também figura nesta lista, e vem ano a ano, mostrando sua força no setor agrícola, em franca expansão.
SONORA MILTON 21”	“mais que 70 por cento.... leite, né?”
<b>artes</b> primeiro caso total casos Iporã março 2021 total casos SC	Na cidade, a pandemia chegou aos poucos. No interior, demorou mais. Em ambientes abertos de uma atividade essencial, a vida seguiu, claro, com mudanças. Do início dos casos até o fim de março

total casos Brasil	de 2021, Iporã, cidade com pouco mais de oito mil habitantes, registrava 460 pacientes com o diagnóstico confirmado e 7 mortes. SC já passava dos 10.885 óbitos. o Brasil, dos 321.886.
SONORA ENORI 32”	“Quando isso iniciou.... fomos beneficiados”
SONORA ALEXANDRE 31”	“Do ponto de vista econômico... na propriedade”
SONORA NEIDE 17”	“Não é aquele impacto... mesma rotina”
OFF	A falta de efeitos mais duros na produção e na economia, vêm muito das características da agricultura - como trabalho a céu aberto, pouca mão de obra, e ambientes sem aglomeração - que facilitaram o trabalho dos produtores no campo.
SONORA FERNANDO 17”	“Foi um negócio que favoreceu... ao ar livre”
OFF	Mas assim como na cidade, o campo também teve dificuldades em se adaptar. Cuidados com o relacionamento interpessoal e o uso de máscara e álcool em gel, se tornaram visitantes indesejados nas propriedades.
SONORA NEIDE 59”	“A gente oferece... porque é isso aí!”
SONORA MAURÍCIO 17”	“os técnicos que vinham... tem em casa”
OFF	Ainda assim, tem uma coisa que mudou e machucou: a cultura.
SONORA FERNANDO 8”	“Ah, essa pegou... não teve”
SONORA NEIDE 25”	“Toda situação confortável... esse convívio social”
SONORA CLÁUDIO	“Eu mesmo tive uma experiência... mais velhas”
TRANSIÇÃO FADE OUT	
PASSAGEM CAM 1	NO PRÓXIMO EPISÓDIO DA SÉRIE “AGRICULTURA EM PANDEMIA”, VAMOS ENTENDER COMO O PRODUTOR SOBREVIVEU A 2020 COM UMA SEGUNDA PRAGA: DEPOIS DE UM VÍRUS, UMA SECA HISTÓRICA. A PANDEMIA AFETOU, SIM, A VIDA DOS PRODUTORES, MAS NÃO TEVE IMPACTO DIRETO SOBRE AQUILO QUE VEM

	DO SOLO, QUE OBEDECE A OUTRO SENHOR: O DO TEMPO.
OFF	Do ponto de vista econômico, foi a falta de chuva que causou uma verdadeira tragédia nas propriedades. Entre os agricultores, é consenso: até agora, a estiagem impactou suas vidas muito mais do que o próprio coronavírus.
SONORA NEIDE 10”	“Ai tu para e pensa... tanta importância” “Então, assim, é um cenário assustador”
encerrar com imagens da seca + black	-

**link:** [www.youtube.com/watch?v=Bapb5wRLNmA&t=127s](http://www.youtube.com/watch?v=Bapb5wRLNmA&t=127s)

**título:** AGRICULTURA EM PANDEMIA | EP 01: o agro não para

**descrição:** Em 365 dias cabe muita coisa - inclusive uma pandemia. Com a explosão de casos do coronavírus, as relações cotidianas, sociais e de trabalho mudaram. A pandemia abriu as portas de nosso verdadeiro lar: passamos mais tempo em casa. Logo, comemos mais. Mas, por outro lado, qual passou a ser a realidade de quem produz estes alimentos? E como vem sendo a vida em pandemia de um setor que não parou? “Agricultura em Pandemia” é um trabalho sobre abalos e mudanças em um setor que aliviou os efeitos da crise, amargou a vulnerabilidade ao clima, e ainda assim, projeta saldos positivos em uma simbiose com o novo normal.

Essa é uma série produzida pela jornalista Daniela Ceccon, para o Trabalho de Conclusão de Curso, da graduação de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. O material não possui fins lucrativos e é autoral. Todas as regras de biossegurança da UFSC e do Governo do Estado foram respeitadas.

Reportagem e edição: @danielamilenac

Imagens de drone: @marcelo.feble

Imagens cedidas: @ndtvrecordtv

## APÊNDICE B - Roteiro episódio 02

IMAGEM	OFF
black sem trilha	A série “Agricultura em Pandemia” é uma produção independente, sem fins lucrativos, e faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da autora.  Todos os processos de reportagem e apuração foram realizados de forma online, respeitando as normas de biossegurança da Universidade Federal de Santa Catarina devido à pandemia da Covid-19.  O jornalismo mudou, mas ainda respira.
imagens do dia nascendo, do sol (aquela do milho), com um som ambiente	SONORA NEIDE 20” (apenas áudio)
imagens + frase	“A agricultura é a arte de assistir impassível ao trabalho da natureza.” EÇA DE QUEIRÓS
OFF	Cultivar a terra não é um trabalho fácil. Exige dedicação, amor, e principalmente, paciência. Paciência pra entender que mesmo com todas essas paixões pela terra, somos apenas reféns de algo muito maior, que talvez nunca conseguiremos controlar.
SONORA NEIDE 26”	“A gente mensura porque viveu... não tem de onde tirar”
PASSAGEM CAM 1	SEM ÁGUA, NÃO HÁ VIDA. NADA SE PLANTA, NADA SE COLHE, NADA SE PRODUZ. E FOI ASSIM, ENFRENTANDO UMA ESTIAGEM HISTÓRICA E A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS, QUE A AGRICULTURA FAMILIAR DO EXTREMO OESTE CATARINENSE PRECISOU VENCER MAIS UM DESAFIO EM UM ANO DE INCERTEZAS.
PASSAGEM CAM 2	OS BAIXOS ÍNDICES DE CHUVA ENTRE JUNHO DE 2019 E NOVEMBRO DE 2020 PROVOCARAM A PIOR SECA QUE SANTA CATARINA ENFRENTOU DESDE 1957. ATÉ O DIA 31 DE DEZEMBRO, ERAM 71 MUNICÍPIOS EM SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA, E OUTROS 41 COM PEDIDOS EM ANÁLISE PELO GOVERNO ESTADUAL.
OFF	Se a pandemia atingiu de forma difusa o setor, afetando muito mais a venda do que a produção - quais foram os impactos da falta de chuva?
VINHETA	AGRICULTURA EM PANDEMIA abalos e mudanças do setor que alimenta

em black	EPISÓDIO 02 Meu senhor é o tempo
SONORA MILTON 19”	“Aí a gente foi afetado... matéria prima piorada, né?”
SONORA MAURÍCIO 14”	“Tu ir na lavoura e ver o milho murcho... os outros 70% é o clima”
OFF	Em 2020, além da pandemia, a falta de chuva, rios abaixo do nível normal e a estiagem afetaram duramente o setor. Segundo o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Epagri, o milho silagem foi a cultura mais atingida, seguida do alho, do milho de grão e da cebola.
SONORA CLÁUDIO 33”	“Aqui no extremo-oeste... mais que a pandemia”
SONORA NEIDE 10”	“Começou um desespero... os rios secando”
SONORA MILTON 36”	“Todas as propriedades dependem de água... esse recurso”
OFF	A estimativa é que a perda total do milho silagem, utilizado para alimentar os bovinos, tenha sido de -29%, o que resultou em uma silagem de péssima qualidade. A preocupação se estende para as safras deste ano, já que com as perdas da passada, alguns produtores estão sem reservas.
SONORA MILTON 1’09”	“O problema da produção... é um reflexo forte”
OFF	Com relação ao setor de carnes, produção de leite e aves, a situação foi um pouco diferente, mas ainda assim extrema.
SONORA NEIDE 10”	“Me bateu um desespero... os rios também estavam secando”
OFF	O analista de Socioeconomia e Desenvolvimento Rural da EPAGRI, Alexandre Giehl, afirma que os impactos neste setor vieram principalmente pelos efeitos da estiagem, que impulsionaram os custos de produção.
SONORA ALEXANDRE 1’03”	“Nós tivemos um <i>boom</i> nos preços ... de forma geral”
OFF	A situação de abastecimento de água para pecuária só começou a ser normalizada em todo Estado nas duas primeiras semanas de dezembro. Até lá,

	algumas propriedades chegaram a abater gado, por simplesmente não ter como alimentar os animais.
MATÉRIA DO ND ABATE 21”	<a href="https://www.facebook.com/ndtvrecordtv/videos/1012297139290007">https://www.facebook.com/ndtvrecordtv/videos/1012297139290007</a> 9” - 40”
OFF	Os insumos mais do que dobraram de preço. O farelo de soja, por exemplo, teve o valor triplicado, e, além disso, o produtor não encontrava o produto à venda. Isso sem contar a falta d’água, de pasto, de grãos de boa qualidade, e os investimentos fora do previsto - que envolviam o transporte da água de rios por caminhões pipa, novas logísticas e demandas acima do produzido.
SONORA FERNANDO 39”	“A coisa ficou feia... vender a 35?”
OFF	Nesse cenário preocupante, o papel das cooperativas foi decisivo, amenizando as perdas. Além da assistência técnica contínua, alguns produtores conseguiram renegociar contratos, e pelo menos, manter um equilíbrio entre as safras. É o caso do Maurício.
SONORA MAURÍCIO 49”	“A questão do milho... pra próxima safra”
OFF	Mas, segundo o vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado, o caminho ainda é longo.
SONORA ENORI 40”	“Ela conseguiu dar ao produtor... quem paga é o produtor”.
OFF	De qualquer forma, o governo do estado também acabou sendo um forte aliado neste momento, já que investiu pesado em assegurar verbas para a recuperação das cidades. Além de auxílios para os produtores mais afetados.
SONORA CARLOS MOISÉS 22”	Matéria da NDTV
OFF	Já em março deste ano, o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural, iniciou o repasse de R\$ 5 milhões para as mais de 90 cidades que decretaram situação de emergência ou calamidade por conta da estiagem. Além dos repasses, o governo afirmou que planeja investir R\$ 1,7 bilhão até 2022 para ampliação da infraestrutura hídrica e da preservação de mananciais.

dip to white e transição	No fim, mesmo em um ano de dor, de pandemia, de
--------------------------	---

	OFF	seca, de adaptação, vieram também bons resultados.
	OFF	O agro catarinense fechou 2020 responsável por mais de 70% das exportações do estado.  A maioria delas, impulsionadas pela alta da produção de suínos, que participou com 23% do total; também a de frangos, com 17,5%, e a do leite, com 11,9%. Os dados são da síntese anual da Epagri.
	SONORA ALEXANDRE 29”	“O setor de carnes... do mercado interno”
	OFF	E mesmo em ano de pandemia e crise, outros produtos também se sobressaíram.
	artes	Santa Catarina segue como o terceiro maior produtor de alho do país (em arte: 11,78% safra 2019/20 6,4 mil toneladas)  O cultivo de arroz é o segundo maior, com um crescimento estadual de 9% em relação à safra anterior. (em arte: safra 2019/20 a 1.254.139 toneladas, 11%)  Já a cultura do feijão foi menos produtiva na safra (em arte: 101.295 toneladas -2%). Problemas climáticos, principalmente, reduziram o potencial produtivo.  O estado, ainda assim, segue como o maior produtor nacional de cebola, cultivada basicamente por agricultores familiares. (em arte: safra 2019, a produção bruta colhida foi de 528.440 mil toneladas).  No complexo soja, as lavouras produziram 2,24 milhões de toneladas em 2020. Para a próxima safra, a expectativa é ainda melhor, principalmente pelo aumento da área plantada.
	transição’	-
	OFF	O cenário abre precedência também para outra discussão: como diminuir os impactos da seca e da pandemia? Para onde olhar, onde investir, e onde prevenir futuros problemas?! É tempo de reestruturação.
	black e transição	-
	PASSAGEM	NO TERCEIRO E ÚLTIMO EPISÓDIO DA SÉRIE “AGRICULTURA EM PANDEMIA” VAMOS ENTENDER PARA ONDE CAMINHA O SETOR. AVANÇOS TECNOLÓGICOS, PRODUÇÕES

	CONCENTRADAS E O REJUVENESCIMENTO DA POPULAÇÃO RURAL IMPACTAM DIRETAMENTE NAS PREVISÕES FUTURAS.
OFF	É importante entender quais os desafios e caminhos a serem seguidos, com ou sem estiagem ou pandemia; e principalmente, qual é o destino a médio e longo prazo, presente no horizonte de quem alimenta.
SONORA ALEXANDRE 16'	“2020 foi um ano desafiador... mais do que 2020 talvez”
SONORA MILTON 18”	“A gente saiu de 2020... se estruturar”
black	final

**link:** [www.youtube.com/watch?v=Rlb4JYEY4Hs](http://www.youtube.com/watch?v=Rlb4JYEY4Hs)

**título:** AGRICULTURA EM PANDEMIA | EP 02: meu senhor é o tempo

**descrição:** Sem água, não há vida. Nada se planta, nada se colhe, nada se produz. E foi assim, enfrentando uma estiagem histórica, que a agricultura familiar do extremo oeste catarinense precisou vencer mais um desafio em um ano de incertezas. Por mais que pareça impossível, foi a falta de chuva que causou uma verdadeira tragédia nas propriedades. Entre os agricultores, é consenso: até agora, a seca impactou mais suas vidas do que o próprio coronavírus.

Essa é uma série produzida pela jornalista Daniela Ceccon, para o Trabalho de Conclusão de Curso, da graduação de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. O material não possui fins lucrativos e é autoral. Todas as regras de biossegurança da UFSC e do Governo do Estado foram respeitadas.

Reportagem e edição: @danielamilenac

Imagens de drone: @marcelo.feble

Imagens cedidas: @ndtvrecordtv



## APÊNDICE C - Roteiro episódio 03

IMAGEM	OFF
black sem trilha	<p>A série “Agricultura em Pandemia” é uma produção independente, sem fins lucrativos, e faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da autora.</p> <p>Todos os processos de reportagem e apuração foram realizados de forma online, respeitando as normas de biossegurança da Universidade Federal de Santa Catarina devido à pandemia da Covid-19.</p> <p>O jornalismo mudou, mas ainda respira.</p>
OFF	<p>Evolução. Palavra que está no dicionário da humanidade há mais tempo do que é possível contar. Que significa estar vivo, em uma eterna metamorfose, sobreviver.</p>
SONORA MILTON 14”	<p>“Altos e baixos... não sofrer tanto”</p>
OFF frase na tela	<p>Em uma pesquisa atual sobre os impactos da histórica pandemia da Covid-19, o professor e doutor em Geografia Humana Eudes Leopoldo afirma que “a crise sanitária, que é seguida por crises em todas as dimensões da vida e do espaço, significaria o fim do século XX e a emergência efetiva do século XXI”. Ou seja, uma virada de chave, de olhar, de adaptação.</p>
PASSAGEM CAM 1	<p>NO CAMPO, LONGE DO VAI E VEM DE CIDADES MAIS VAZIAS E VIDAS TRANSFORMADAS, OS EFEITOS TAMBÉM CHEGARAM. APRENDER TORNOU-SE PALAVRA DE ORDEM; MUDAR, UMA QUESTÃO DE NECESSIDADE. SEMPRE FOI ASSIM, MAS COM UM ANO PANDÊMICO E EXTREMAMENTE SECO, A AGRICULTURA PRECISOU OLHAR PRA DENTRO E REPENSAR ESTRATÉGIAS. MUDANÇAS QUE VÊM PRA FICAR - E PRA MELHORAR.</p>
PASSAGEM CAM 2	<p>AFINAL, É PRA FRENTE QUE SE OLHA.</p>
VINHETA	<p>AGRICULTURA EM PANDEMIA abalos e mudanças do setor que alimenta</p>
black	<p>EPISÓDIO 03 Metamorfoses</p>
SONORA MAURÍCIO 26”	<p>“Às vezes dá medo... se não não vira em nada”</p>
OFF	<p>É que o ano que passou, de fato, deixou marcas. Não foi fácil conciliar a vida transformada pelo medo do coronavírus, com os campos afetados pela seca. Quem dirá os aumentos de custos de produção, que</p>

	como em uma terceira onda - afetaram diretamente os agricultores.
SONORA ALEXANDRE 49”	“A elevação dos custos de produção... como é o caso do ovo”
SONORA MILTON 47”	“São duas coisas que... o próprio comércio na cidade está começando a sofrer”
OFF	Mas é preciso também entender como esses aprendizados vão ser aplicados na prática, e como se estrutura o futuro do setor - para evitar o aparecimento de novas crises.
GC, como subtítulo	COOPERATIVISMO E AGROINDÚSTRIAS
OFF	De forma geral, o campo sempre se estruturou com a ajuda de entidades ou de terceiros. Não só dos governos vem o suporte para produzir. Em momentos de dificuldade, a agricultura pôde contar principalmente com um forte apoio das cooperativas, por exemplo, que fizeram a diferença mais uma vez no ano que se passou.
SONORA CLÁUDIO 32”	“Como as cooperativas são grandes difusoras... o agro continue a produzir”
SONORA NEIDE 17”	“A cooperativa conseguiu absorver... não tivemos nenhuma dificuldade”
	Além disso, falar da economia rural e da produção no campo sem citar as agroindústrias, é impossível. A região oeste de Santa Catarina, inclusive, representa o maior polo agroindustrial de aves e suínos do Brasil.
SONORA ALEXANDRE 35”	“Deixou de ser uma produção... garantia de fornecimento”

OFF	Surge então o conceito de integração, importante para momentos de crise, mas também de estruturação futura do setor.
SONORA ALEXANDRE 25”	“O produtor não vai correr um risco... voltada para aquela atividade”
OFF	Mas pesquisadores e especialistas na área, ressaltam que também é preciso entender os dois lados da moeda, e buscar melhorar as relações produtor x indústria.
SONORA ALEXANDRE 25”	“Em certa medida ela garante... acaba saindo da atividade”
GC, como subtítulo	APOIO DO GOVERNO
OFF	Em ano de pandemia e crise hídrica, a Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do

	Desenvolvimento Rural destinou R\$ 77,4 milhões para programas do setor agropecuário, melhorias do processo produtivo e apoio aos agricultores e pescadores. Foram quase 79 mil famílias beneficiadas em todo o estado. Mas para quem trabalha na área, a impressão que fica é que faltou apoio a longo prazo.
SONORA MILTON 21”	“O que se faz hoje... é básico isso, né?”
SONORA ENORI 24”	“Então o governo está muito preocupado... guardar alguma coisa e tal”
OFF	Segundo o vice-presidente da Faesc, o auxílio direto deveria ter sido utilizado de uma forma mais inteligente, auxiliando o agricultor em tempos de crise.
SONORA ENORI 26”	“Então é preciso um programa... sem receber um auxílio direto”
OFF	Para ele, as formas de fiscalização também precisam mudar para prover incentivos, e não obstáculos.
SONORA ENORI 47”	“Parece que os órgãos de controle... modernizar esse produtor com conhecimento”
Em GC, como subtítulo	ADAPTAÇÕES
SONORA CLÁUDIO 42”	“A agricultura como uma atividade essencial... para continuar produzindo”
OFF	Incluída pelo governo na categoria de atividade essencial, a agricultura permanece funcionando - o que não quer dizer que mudanças não aconteceram. Pelo contrário: 2020 foi momento de percepção, de estruturação. Pensar em um agro mais sólido se tornou meta a curto, médio e longo prazo.
SONORA NEIDE 59”	“A gente procurou... não tá produzindo muito”
OFF	Quem trabalha à frente de entidades do setor afirma que a concentração de produção, por mais que possa afetar os elos tradicionais da agricultura familiar, é um caminho para solidificar os negócios e fazer frente à crise. Além disso, cada vez mais, a ideia de escala e padronização invade as propriedades.
SONORA ALEXANDRE 20”	“É o caso dessa mudança... cada vez mais exigente”
SONORA ENORI 35”	“Há uma concentração ... todas essas despesas”

Em GC, como subtítulo	MODERNIZAÇÃO E TECNOLOGIAS
SONORA MILTON 30”	“A gente ter um controle... no dia a dia”
OFF	O conhecimento, o estudo e a familiaridade dos produtores com a tecnologia é indispensável. Essa é uma forma de aumentar a produtividade, já que existem muitos sistemas que facilitam todo o processo.
SONORA FERNANDO 28”	“Hoje ninguém mais quer fazer força... era a dez anos atrás”
OFF	<p>Para isso, o papel dos créditos rurais oferecidos por entidades governamentais, é fundamental. Modernizar a produção se torna mais fácil com incentivos.</p> <p>Exemplos de programas são a Política Nacional de Assistência Técnica Rural, que fomenta a prestação de serviços e a capacitação de agricultores, e o PRONAF - o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Ele é a base de apoio ao setor e gera um crédito para que o produtor tenha insumos, adubo e o que mais for necessário para o desenvolvimento das atividades.</p> <p>No contraponto, entidades que representam os agricultores afirmam que falta mais profissionalização, e que ela deveria ser provida pelo Estado.</p>
SONORA ENORI 37”	“O estado deveria desenvolver... dava pra fazer”
OFF	Mas, na semiótica da palavra, tecnologia é sobre o estudo de técnicas, processos e métodos do domínio de uma atividade humana. Ou seja, na agricultura familiar, a tecnologia também é manter as tradições de cuidado com a matéria prima, e reforçar, principalmente, o manejo do solo.
SONORA FERNANDO 24”	“Isso deu pra perceber muito bem... a seca só vem pra reforçar essa ideia”
SONORA MAURÍCIO 40”	“Faz parte e é um aprendizado... não só tirar dele”
OFF	Falas que só reforçam a necessidade de um agro mais sustentável.
SONORA FERNANDO 40”	“Dizem ah, parece que choveu na tua roça... do que no ano que produziu mal”
PASSAGEM CAM 1	ALGUNS ESPECIALISTAS APONTAM QUE O MUNDO PÓS-PANDEMIA VAI SER DOMINADO

	PELA COMBINAÇÃO DE TRÊS “S”: SAÚDE, SANIDADE E SUSTENTABILIDADE - VELHOS CONHECIDOS DO CAMPO. MAS É PRECISO APRENDER COM O PASSADO, OLHANDO PARA ESSE FUTURO, CHEIO DE NOVOS DESAFIOS.
SONORA CLÁUDIO 33”	“A força da agricultura em Santa Catarina... competir hoje no mercado internacional”
SONORA MILTON 48”	“A gente saiu de 2020... produtor mais empresário”
OFF	Para essa maior estruturação, o papel das entidades é fundamental.
SONORA ENORI 41”	“Eu diria que cabe agora... toda essa representação política sindical”
SONORA ALEXANDRE 16”	“Eu te diria que temos pela frente... bastante problemas”
OFF	Mesmo em cenários incertos, um futuro inteiro se abre aos olhos de quem trabalha no campo, e faz da agricultura, seu modo de vida. Por um lado, existe medo...
SONORA ENORI 17”	“Eu temo pela agricultura... voltando todo o mato de novo”
OFF	Por outro, esperança. Vontade de ficar. De superar.
SONORA FERNANDO 15”	“Ah, eu não penso em sair... outra lida igual!”
OFF	Principalmente, pensando no que vem pela frente!
SONORA FERNANDO 38”	“Amigos meus por exemplo... está muito mais presente”
transição	-
OFF	Até porque, no fim das contas, mesmo com medo, pandemia, seca, problemas, dificuldades... a arte de plantar, é a arte da vida. E pra isso, sempre vai ter espaço.
SONORA ENORI 19”	“Todo mundo gosta um pouco... então é uma coisa boa”
final	-

**link:** [www.youtube.com/watch?v=MHX2CpjTNpQ](https://www.youtube.com/watch?v=MHX2CpjTNpQ)

**título:** AGRICULTURA EM PANDEMIA | EP 03: metamorfoses

**descrição:** Se é para frente que se olha, para onde está voltado o foco do setor? Avanços tecnológicos, produções concentradas e o rejuvenescimento da população rural impactam diretamente nestas previsões futuras. É importante entender quais os desafios e caminhos a serem seguidos, e qual é o destino a médio e longo prazo, presente no horizonte da agricultura.

Essa é uma série produzida pela jornalista Daniela Ceccon, para o Trabalho de Conclusão de Curso, da graduação de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. O material não possui fins lucrativos e é autoral. Todas as regras de biossegurança da UFSC e do Governo do Estado foram respeitadas.

Reportagem e edição: @danielamilenac

Imagens de drone: @marcelo.feble

Imagens cedidas: @ndtvrecordtv

**ANEXO A - Ficha do TCC**

<b>Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC</b>		
<b>ANO</b>	2020/2	
<b>ALUNO</b>	Daniela Milena Ceccon	
<b>TÍTULO</b>	Agricultura em Pandemia: mudanças e abalos no setor que alimenta	
<b>ORIENTADOR</b>	Carlos Augusto Locatelli	
<b>MÍDIA</b>	<input type="checkbox"/> Impresso	
	<input type="checkbox"/> Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Website	
	<input type="checkbox"/> Multimídia	
<b>CATEGORIA</b>	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	<b>Local da apuração:</b>
	<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem	( X ) Florianópolis ( X ) Brasil ( X ) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País: _____
<b>ÁREAS</b>	Jornalismo. YouTube. Agricultura. Economia. Televisivo.	
<b>RESUMO</b>	<p>2020 foi um ano de mudanças. A pandemia do novo coronavírus, protagonista da virada de década, alterou não só as relações interpessoais. Transformações foram sentidas em todas as faces e campos da sociedade. Com uma crise econômica, sanitária e política em curso, alguns setores de produção tiveram que lidar ainda com uma estiagem, que em Santa Catarina foi a pior dos últimos anos. Neste contexto, como emerge uma agricultura tão característica como a do extremo oeste catarinense? O presente trabalho busca entender justamente estas adaptações de uma economia essencial para o estado, partindo de uma visão histórica e de perspectivas estatísticas, mas também humanas do meio. Em uma série de três reportagens audiovisuais, “Agricultura em Pandemia” é um trabalho sobre abalos e mudanças em um setor que aliviou os efeitos da crise, amargou a vulnerabilidade ao clima, e ainda assim, projeta saldos positivos em uma simbiose com o novo normal.</p>	

## **ANEXO B - Declaração de autoria e originalidade**

Eu, Daniela Milena Ceccon, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 17102874, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Agricultura em Pandemia - abalos e mudanças no setor que alimenta” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 14 de maio de 2021

---

Assinatura